

## Apresentação

Flo Menezes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MENEZES, F. Apresentação. In: *Riscos sobre música: ensaios – repetições – provas* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2018, pp. 7-9. ISBN: 978-85-95462-88-5.  
<https://doi.org/10.7476/9788595462885.0001>.

---



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

## APRESENTAÇÃO

Para bons entendedores, meias palavras não bastam. Ouvimos e reouvimos, e jamais ouvimos a mesma coisa. Lemos e releemos, e sempre releemos de outra forma. Nessa salutar espiral que tipifica nosso *transgresso*, é preciso arriscar. Na pasmeira costumeira que assola a música brasileira, dominada por *crossovers*, mentalidades nacionalistas e por um assédio avassalador da cada vez mais rasa música popular mercadológica, instigar o pensamento e lançar dados fazem parte do *ouvir* especulativo, opondo-nos à facilidade e superficialidade reinante. Sintomaticamente, e na contramão do que deseja nossas sociedades tardo-capitalistas, a música radical, mesmo aquela pré-composta em estúdio, necessita de ser ensaiada, repetida, provada, em uma palavra: refletida. Assim como um texto. E também aqui se manifestam sintomas: *ensaios musicais*, em outras línguas, requerem outros substantivos que, vertidos para o português, nos sugerem interessantes conotações:

- em português mesmo: confundem-se com peças literárias ou teóricas em prosa;
- em francês: evocam a iteratividade das ideias e fatos – *répétitions* –, em insistência e revolução permanentes;
- em alemão: colocam na parede qualquer presumível assunção – *Proben* –, pondo-a a toda prova.

Sintomático era também o sentimento, por exemplo, de um Stravinsky, que preferia os extensos momentos da concepção ao efêmero da performance. Nos tempos atuais, dominados pela fragmentação da internet que, a despeito de todas as suas qualidades, desprestigia a extensão reflexiva

imprescindível a todo saber, Stravinsky não seria o músico *moderno* que foi: seria mais um militante de nossa resistência. Já o músico intérprete, este nunca sabe o que é mais necessário ou mesmo prazeroso: se os ensaios que precedem a execução de uma obra, ou se a própria performance. Nesta, a interlocução é mais completa, pois que diante de um público; naqueles, a interlocução é mais profunda, questionadora, porque investigativa, compartilhada nos ínfimos detalhes com os companheiros de viagem ou com o legado em que consiste a partitura. Mas de toda forma, concebendo-se, pondo-se em xeque cada gesto interpretativo, ou à prova o resultado de todos os gestos, arrisca-se o tempo todo.

E estes ensaios reunidos são isso: esboçam, mas também provocam, insistem em ideias sobre as quais já falei antes, porém – como haveria de ser – de outras formas, algumas delas ainda relutantes para quem as lê e talvez para mim mesmo, provam hipóteses suspeitas e manifestam firmes convicções, doam a quem doar. São análises de ideias e de obras e, como toda análise, perfazem riscos no itinerário da mão sobre o papel, quer seja do esboço teórico, quer seja de uma partitura, nossa ou de outros.<sup>1</sup>

De uns tempos para cá, a musicologia internacional tem conferido cada vez maior peso aos esboços que deram origem às obras, e isto a ponto de ser batizada de “musicologia genética”. Mas os riscos e rabiscos em que consistem os esboços não se restringem à composição. O gene do pensamento e da investigação é a rasura – mistura de curiosidade e admiração.

Assim é que, em meio aos ensaios, há também análises-esboço. E nesse sentido, há aqui muito de inacabado, possivelmente daqueles inacabados que não precisam encontrar um fim preciso, aos moldes – com perdão da comparação – da *Oitava* de Schubert, ou da *Décima* de Mahler, ou mesmo do *Requiem* de Mozart, de *Jakobsleiter* de Schoenberg... Liturgias que iteramos, como todo mito, rito ou assunto, sem jamais pôr neles uma pedra final.

Mas de tudo que está aqui assino embaixo. Ensaiar, insistir ou mesmo provar é da responsabilidade de quem lança as ideias, como se fossem dados, criando-as ou as interpretando, dando a cara a tapa. Os resultados não pertencerão só a mim: colhem-nos aqueles que assim o desejem. Aos que os

---

1 Para download dos exemplos sonoros indicados ao longo deste livro, acesse <[http://www.flomenezes.mus.br/flomenezes/index\\_flomenezes.html](http://www.flomenezes.mus.br/flomenezes/index_flomenezes.html)>, depois acesse “Books and articles”, e lá, a referência a esta publicação.

rejeitarem, *a rivederci!* – há mais de uma curva no emaranhado espiralado em que (re)vivemos.

Há ensaios bem-acabados, mas também os inacabados. Ideias que relanço. E análises, bem acabadas ou em rabiscos. Erros e acertos mutilados pela caneta ou borrados pelo lápis. Em meio à transtextualidade do texto, permeado de rasuras e pleno de formulações cuidadosamente repensadas, muita coisa lá de trás, anotações analíticas que guardei em meio às primeiras partituras adquiridas e amadas. Outras mais de cá, perto desse meio caminho em que me encontro, sem titubeios dantescos, porém aberto aos possíveis descaminhos. E, repito, a responsabilidade é toda minha.

São Paulo, agosto de 2016